

Missão CELAM



213685 | 06 JUNHO DE 2022

LEIGOS E LEIGAS na linha de frente

Eles e elas renovam a Igreja



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO

Mons. Miguel Cabrejos Vidarte, OFM
Presidente

Card. Odilo Pedro Scherer
Primeiro Vice-Presidente

Card. Leopoldo José Brenes
Segundo Vice-Presidente

Mons. Rogelio Cabrera López
*Presidente da Comissão
de Assuntos Econômicos*

Mons. Jorge Eduardo Lozano
Secretário Geral

Direção editorial: José Beltrán,
Óscar Elizalde.

Textos: Rubén Cruz, Ángel Morillo.

Grafismo: Amparo Hernández,
Milton Ruiz, Carolina Henao y
Giovanny Pinzón.

Fotografia: Archivo Vida Nueva,
Archivo CELAM.

Edição: PPC.

Impressão: Jomagar.

Todos os conteúdos são elaborados
pela Vida Nueva e pelo Centro
de Comunicação do CELAM.

Sumario



4 Na capa

Leigos e leigas: todos no barco!
Entrevista: Emilce Cuda



10 Atualidade

Un nuevo horizonte pastoral



12 Dicionário CELAM

Liderazgo



13 Queridíssima Amazônia

As duas faces da selva colombiana



14 Rostos e vozes

Pedro Brassesco
Card. Pedro Barreto



16 Os últimos, os primeiros

São João Paulo II percorre o Panamá



Leigos e leigas, 'luz do mundo'

DOM MIGUEL CABREJOS VIDARTE, OFM, PRESIDENTE DO CELAM

A Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe fez um apelo urgente para promover a participação dos leigos em espaços de transformação cultural, política, social e eclesial.

Da mesma forma, o Documento de Aparecida destaca a vocação dos fiéis leigos como discípulos missionários de **Jesus**, "luz do mundo", chamados a participar ativamente da ação pastoral da Igreja. Eles e eles — como afirmaram os bispos na Conferência de Puebla — são homens e mulheres da Igreja no coração do mundo, e homens e mulheres do mundo no coração da Igreja (cf. *DP 786*). Antes, na Evange-

lizei nuntiandi, São **Paulo VI** nos recordava que "o campo próprio da sua atividade evangelizadora é o mesmo mundo vasto e complicado da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos 'mass media' e, ainda, outras realidades abertas para a evangelização, como sejam o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento" (*EN 70*).

No que diz respeito ao importante papel dos leigos nesta hora do continente, a partir do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) assumimos o

Editorial

PRONTOS PARA “PRIMEIPEAR”

Seculares à frente. Os 41 desafios da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe estão relacionados com o protagonismo de leigos e leigas na vida da Igreja. No entanto, dois deles estão diretamente relacionados ao seu ‘ser’ e ‘fazer’. Assim, os membros da assembleia colocaram como desafio “promover a participação dos leigos em espaços de transformação cultural, política, social e eclesial”. E, sobretudo, das mulheres, pois é necessário “promover a sua participação ativa nos ministérios e nos espaços de discernimento e decisão eclesiais”. E é que eles e elas — caminhando juntos com os pastores, sacerdotes, diáconos e consagrados e consagradas — renovam a Igreja. Por isso, a *Missão CELAM* quis tomar o pulso de oito profissionais que tornam o Evangelho transparente na sua missão cotidiana, seja cantando, ajudando os mais necessitados, exercendo a caridade política ou acompanhando as realidades eclesiais.

De fato, como Igreja não podemos perder a riqueza da sua visão devido à sua singular experiência humana e profissional.

Desde que o processo de renovação e reestruturação do Celam começou com a Conferência de Honduras em 2019, os leigos foram inseridos em todas as nossas áreas. Assim, os quatro responsáveis pelos nossos centros são leigos. Uma decisão que agora vemos respaldada pela constituição apostólica *Praedicate Evangelium*, na qual o Papa estabelece que “qualquer fiel pode presidir a um dicastério ou a uma organização, levando em conta sua particular competência, poder de governo e função deste último”. Na realidade, a reforma de **Francisco** reconhece o papel decisivo na missão da Igreja de todos os batizados, porque cada um de nós é o Povo de Deus. Por isso, é necessário reconhecer institucionalmente a dedicação de tantos homens e, principalmente, mulheres no anúncio da Boa Nova. ●

apelo do Papa **Francisco** à conversão missionária, aprofundando as implicações da sinodalidade e da corresponsabilidade do todo o Povo de Deus na vida e na missão da Igreja. Bem sabemos que é necessário avançar para “o amadurecimento dos organismos de participação propostos pelo Código de Direito Canônico e de outras formas de diálogo pastoral, com o desejo de ouvir a todos, e não apenas alguns” (*EG 31*).

Nesse sentido, o processo da Assembleia Eclesial e o caminho que estamos percorrendo em direção ao Sínodo da Sinodalidade, permitiram-nos especificar espaços de comunhão e de participação onde são protagonistas leigos e leigas. Suas vozes e seus rostos enriquecem e revitalizam os grandes compromissos pastorais da Igreja no nosso continente: sinodalidade, conversão integral, visão integradora, colegialidade, profetismo, incidência e atualidade, acolhendo e contribuindo para o Magistério do Santo Padre.

Por outro lado, embora seja verdade que há vários anos cada vez mais leigos e leigas vêm assumindo a liderança em várias esferas da sociedade e dentro da Igreja –no caso do Celam, por exemplo, os quatro diretores dos novos Centros Pastorais são leigos com grande empenho eclesial e alto nível profissional–; devemos insistir também, com Aparecida, na necessidade de continuar abrindo espaços de participação e confiando-lhes ministérios e responsabilidades que lhes permitam aprofundar o seu compromisso cristão (cf. *DAP 211*). Da mesma forma, sabemos que é essencial uma maior presença leiga no mundo da política, para que este seja animado pela amizade social e pela busca do bem comum. Estes e outros desenvolvimentos são aqueles que nos motivam a continuar “caminhando juntos” como discípulos missionários em saída. ●



Leigos e leigas: todos no barco!

MISSÃO CELAM CONVERSA COM LEIGOS DO CONTINENTE SOBRE SEU PAPEL NUMA IGREJA SINODAL E EM SAÍDA

ÁNGEL ALBERTO MORILLO

Pregar o Evangelho é uma tarefa essencial confiada a todos os batizados, porque “olhar para o Povo de Deus é lembrar que todos nós entramos na Igreja como leigos. O primeiro sacramento, aquele que sela nossa identidade para sempre e do qual devemos sempre nos orgulhar é o do batismo”, como destacou o Papa Francisco, em 2016, aos bispos e cardeais durante a Assembleia Plenária da Pontifícia Comissão para a América Latina, realizada em Roma. Assim, em 19 de março de 2022, promulgou a nova Constituição Apostólica sobre a reforma da Cúria Romana e seu serviço à Igreja no mundo, *Praedicate Evangelium*, processo que nasceu ao mesmo tempo que o início do seu pontificado em 2013, e onde qualquer batizado, especialmente leigos e leigas, poderá exercer funções e responsabilidades governamentais na Cúria. Sem dúvida, o Santo Padre não quer deixar no papel o lugar preponderante dos leigos na construção de uma Igreja sinodal, missionária e em saída. São gestos concretos. Por isso, destaca: “Ninguém foi batizado como sacerdote, nem como bispo.

Fomos batizados leigos e é o sinal indelével que ninguém jamais poderá apagar.”

Com a reforma da Cúria, que entrou em vigor com a Solenidade de Pentecostes – domingo, 5 de junho – o Papa aposta, sem hesitar, na sinodalidade como meio de evangelização e de criação de conexões mais fortes na vida da Igreja. Substitui também a constituição Pastor bonus, aprovada por São **João Paulo II** em 1988. Então, volta à mesa a premissa de que “todo o cristão é um discípulo missionário”, usada como bandeira na V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe em Aparecida (2007) para apoiar a contribuição dos leigos “para a vida familiar, para o conhecimento das realidades sociais e para a fé, que os leva a descobrir os caminhos de Deus no mundo e lhes permite dar contribuições válidas, especialmente quando se trata de promover a família e respeitar os valores da vida e da criação, do Evangelho como fermento para as realidades temporais e discernimento dos sinais dos tempos”.

A Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, realizada em novembro de 2021, retoma essa demanda em seus 41 desafios pastorais, quando em particular propõe “a participação dos leigos em espaços de transformação cultural, política, social e eclesial” para despertar “consciência de sua missão na promoção de políticas públicas que viabilizem uma economia mais justa e humana”. Além das avaliações sobre o papel dos leigos que remontam ao Concílio Vaticano II, “a Igreja não está apenas dizendo que vamos caminhar juntos, porque para caminharmos juntos é preciso reconhecer-nos como iguais, e não divididos entre grandes e pequenos. Nesta caminhada não há um que esteja acima do outro, porque formamos uma Igreja de irmãos.

“A QUATRO TEMPOS”

A *Missão Celam* conversou com leigos e leigas de vários países da América Latina e Caribe para ter uma visão mais ampla do seu papel nestes tempos de sinodalidade e com a entrada em vigor da *Praedicate Evangelium*. Cada um do seu campo de ação –social, eclesial, cultural e político– deu o seu testemunho a partir das suas convicções e apostas de serviço ao Reino. Todos concordam com a importância da missão evangelizadora e da busca do bem comum, bem como com a necessidade de superar a mácula do clericalismo e das estruturas rígidas. Eles estão dispostos a continuar “primeireando” com Francisco.

CONSTRUÇÃO MÚTUA

Rosa Inés Floriano dirige a área de Desenvolvimento Humano Integral e Solidário da Cáritas Colômbia, onde liderou processos de construção da paz acompanhando o trabalho histórico dos bispos. Natural de Huila, foi convidada em 1998 para trabalhar na Cáritas diocesana da sua diocese de Garzón. Atualmente assessora a área da Cáritas América Latina. Para ela, nestes tempos de sinodalidade, “o principal papel dos leigos é ajudar as estruturas a quebrar paradigmas, a se dispor a correr riscos e a superar os medos que implicam que vejamos as mudanças que a realidade clama à Igreja, para que se desprenda de tanta estagnação e se torne leve para caminhar com o Povo de Deus”.

Ela considera que “o maior grilhão que ainda temos e que continua a nos prender mãos e pés, é entender que o clericalismo não é apenas um pecado do clero e dos bispos, mas é reforçado e perpetuado por muitas das nossas atitudes entre os leigos”. No entanto, a mudança na Igreja começa com os leigos: “Não podemos pretender que as estruturas sejam reformadas para nos abrir es-

ROSA INÉS FLORIANO: “O PRINCIPAL PAPEL DOS LEIGOS É AJUDAR A IGREJA A SAIR DE TANTA ESTAGNAÇÃO”

paços, os leigos devem propor não a partir da beligerância, mas da construção mútua.”

COMPROMISSO BATISMAL

Elvy Monzant foi secretário executivo do antigo departamento de justiça e solidariedade do Celam, e a partir daí construiu as bases sólidas para o que é hoje a estrutura do Red Clamor, junto às organizações eclesiais que a compõem. Em 2022 foram escolhidos pela ONU como organizadores do Fórum Mundial para Refugiados em 2023. Para este leigo, que veio das fileiras da Cáritas Venezuela, “é muito importante que nós, leigos, saíamos das capelas, que não sejamos ratos de sacristia, mas que vamos ao mundo da saúde para que Cristo reine nos hospitais, para que Cristo reine na política, para que Cristo reine na economia, tornando a economia com rosto humano”. Essa é a chave.

Portanto, “enquanto o leigo conceber a sua missão apenas dentro da Igreja e reduzir a sua participação ao culto sacramental e se sentir subordinado às decisões e ao que o sacerdote indica, não assumirá com maturidade o seu compromisso batismal, pois não vamos conseguir ser luz e sal num mundo tão necessitado de transformações”.. →



Índigena participante da Assembleia Eclesial Continental



Alisber Zapata



Carolina Goic



Cesar Kuzma



Rosa Inés Floriano

ALISBER ZAPATA: “SOMOS CHAMADOS PARA NOS OUVIR; FALAR SOBRE O BEM E O RUIM, BONITO E FEIO”

→ **CONSTRUTORES DE UMA NOVA REALIDADE**

Cesar Kuzma é teólogo e professor brasileiro, que trabalha para a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, de onde assessora a Conferência dos Bispos, a Conferência dos Religiosos e o Conselho dos Leigos. Lança mão da sua formação eclesial para afirmar que, desde a Conferência de Medellín, inspirada nas orientações do Concílio Vaticano II, “a vida da Igreja está nos leigos” e, como tal, a Igreja se entende como Povo de Deus, pelo que “todos pertencemos e todos estamos incluídos”.

“Não podemos perder isso, essa condição de povo, esse povo que tem muitas faces e muitas formas de se expressar e viver a sua fé. Este povo vive esperanças concretas e estas esperanças tornam-se passos para a construção da grande esperança, que vem como dom, mas que é também um convite/apelo a um Reino que deve ser construído”, acrescenta. Em tempos de sinodalidade, Kuzma assinala que “o papel dos leigos deve ser o

de quem assume a condição de sujeito eclesial e atua como autêntico construtor de uma nova realidade, que abre novos caminhos e oferece novas dimensões e condições para crer e fazer na fé”.

UM SERVIÇO, MAS NÃO UM PODER

Rosario Hermano começou a liderar a Pastoral Juvenil do seu Uruguai natal nos finais dos anos 70. Desde então, “este ser leiga se converteu numa vocação, uma forma de ser e de estar e, também, de certa maneira, num estilo de vida”. É há mais de 20 anos secretária executiva da Ameríndia, uma ampla rede continental ao serviço das diferentes práticas e teologias libertadoras.

Ela explica que “o dinamismo da abertura aos ministérios laicais” (*Evangelii nuntiandi* 73) tem frutos saborosos que são apreciados nas comunidades crentes, onde o *sensus fidei* sustenta a renovação do compromisso de vida a partir do Evangelho (*Evangelii gaudium* 119). Portanto, “concebemos a tarefa da Igreja como serviço e não como poder, como testemunho de valores e não como instrumento de gestão sociopolítica, não a partir do paradigma da dominação, mas da reciprocidade”. A sinodalidade –indica– será possível assumindo a vulnerabilidade compartilhada de nossos espaços, onde o novo já está nascendo.



Vários leigos que fizeram parte da Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe realizada em novembro de 2021



Juan Morales Montero



Rosario Hermano



Elvy Monzant



Sonia Gomes

MAIOR PROTAGONISMO

Juan Morales Montero é um cantor e compositor equatoriano. Ele está no ramo há 30 anos. Compôs canções emblemáticas para a Igreja na América Latina, como os hinos da Assembleia Eclesial e do III Congresso Missionário Americano. Afirma que “a contribuição fundamental dos leigos, no aspeto cultural, está no fato de que cada um de nós é uma riqueza e estamos ao serviço da Igreja e da missão com tudo o que somos e fazemos”.

“Eu canto, mas o meu canto é produto do que sou e do que vivo. Trago para a Igreja o meu jeito de ser, de pensar, de cantar, de animar... E tudo isso significa riqueza e dom para a Igreja. Há quem pinta, quem faz teatro, quem escreve e, convergindo, todos nós, como irmãos, no mesmo propósito, resulta também que somos todos construtores desta Igreja nova e sinodal”, argumenta. Enquanto isso, ele celebra a reforma da Cúria, porque “dá mais destaque aos leigos e leigas nesta nova etapa sinodal de nossa Igreja. Mas esse protagonismo maior está em assumir

o papel de discípulos de Jesus, que anunciam o Evangelho, não de forma secundária, mas como pioneiros no cumprimento da missão”.

CORAÇÃO ABERTO

Alisber Zapata, da República Dominicana, é uma cantora que vem das fileiras da banda Alfareros, grupo católico que ganhou um Grammy em 2014. Conta que chegou à Igreja graças à influência da sua mãe, que “desde criança soube incutir os valores evangélicos”. E explica que, na sinodalidade, “somos chamados a ouvir uns aos outros; falar sobre o bem e o mal; o belo e o feio”. Por isso, “o nosso papel como leigos é participar, ser honesto, abrir o coração, e assim comunicar as verdadeiras necessidades da nossa realidade, nos espaços que são disponibilizados para esses fins”.

Da mesma forma, Alisber destaca: “Os níveis hierárquicos são mais organizacionais, mas não devem ser barreiras de acesso e comunicação para que o ‘menor’ possa se aproximar com confiança do →

Engajamento na vida pública

O Papa Francisco, por meio da Assembleia Plenária da Pontifícia Comissão para a América Latina, realizou um encontro com bispos e cardeais da região sob o tema “O indispensável compromisso dos leigos na vida pública dos países latino-americanos”. Naquela ocasião, o Sumo Pontífice usou a expressão “não cair em saco roto”, em relação ao discernimento e reflexão que ali se forjavam, para encorajar os presentes a continuar servindo “melhor o fiel povo santo de Deus”. De fato, Ihes lembrou que “todos nós formamos o fiel povo santo de Deus. Esquecer isso traz vários riscos e/ou distorções na nossa

própria experiência pessoal como comunidade do ministério que a Igreja nos confiou”.

Continuando o seu discurso, Francisco disse que “somos, como indica o Concílio Vaticano II, o Povo de Deus, cuja identidade é a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações o Espírito Santo habita como num templo (*Lumen gentium* 9). O fiel povo santo de Deus é ungido com a graça do Espírito Santo. Portanto, quando refletimos, pensamos, avaliamos, discernimos, devemos estar muito atentos a esta unção”.

O Papa mencionou a famosa expressão “é hora dos leigos”, mas

“parece que o relógio parou. Olhar para o Povo de Deus é lembrar que todos nós entramos na Igreja como leigos”. Por isso, “o fiel Povo Santo de Deus é aquele que, como pastores, somos convidados a olhar, proteger, acompanhar, apoiar e servir. Um pai não se entende sem seus filhos. Ele pode ser muito bom trabalhador, profissional, marido, amigo, mas o que faz dele um pai tem rosto: os seus filhos. A mesma coisa acontece conosco: somos pastores. Um pastor não é concebido sem um rebanho que ele é chamado a servir. O pastor é o pastor de um lugar, e a esse lugar serve-se de dentro”. ●

**CAROLINA GOIC: “MINHA OPÇÃO
PROFISSIONAL ESTAVA TRABALHANDO COM
OS MAIS POBRES, OS MAIS VULNERÁVEIS”**

→ superior, sem ser julgado, rejeitado ou adiado, por ser considerado menos influente ou importante, sem ter consciência do status, da posição, da função e não da pessoa em si”. Por isso, para ela, a arte em geral é “um instrumento vital para difundir a mensagem do Senhor”, num sinal claro de que somos todos irmãos.

TRABALHO COLETIVO

Carolina Goić Borojević é chilena –de origem croata–, sobrinha de **Alejandro Goic**, bispo emérito de Rancagua e ex-presidente da Conferência Episcopal do Chile. Ela tem uma extensa carreira política no Partido Democrata Cristão, onde teve que assumir cargos de liderança desde a presidência do partido até à liderança como candidata presidencial em 2017. Garante que a sua “opção profissional foi trabalhar com os mais pobres, os mais vulneráveis, num olhar abrangente sobre situações de extrema pobreza”.

Um aspecto que Goic destaca, para “nós que acreditamos na política”, é o trabalho em rede, pois “a política quando procura influenciar, quando busca poder instalar projetos de sociedade e projetos de país, a partir de um prisma que coloca a pessoa no centro, exige um trabalho coletivo”. Todo leigo em

altas responsabilidades deve fazer a diferença sem negociar seus princípios como sinal de coerência.

LUTA DOS VELHOS TEMPOS

Sônia Gomes de Oliveira é presidente do Conselho Nacional dos Leigos do Brasil (CNLB), vem das comunidades eclesiais de base e atualmente coordena um projeto de apoio a populações vulneráveis. “Na minha ação pastoral, sempre me deixei guiar pela figura de *Maria*, uma mulher que nunca deixou de acreditar e trazer esperança”, diz ela.

Sobre a contribuição política, Sônia destaca o papel dos “leigos que se comprometem com o Evangelho de Jesus e assumem a luta contra a corrupção, colocando a própria vida em risco, para garantir a vida, os direitos humanos, os direitos sociais”. Ela acredita que “a luta dos leigos na política vem de longa data e, no caso do Brasil, desde a transição democrática, que culminou com a promulgação da Constituição Federal”. Portanto, “temos uma grande contribuição de setores do laicado organizado. Hoje continuamos nestas trincheiras, porque o Evangelho está presente naqueles que o assumem na vida das pessoas e pela garantia de direitos e justiça social”.

O relógio parou? “As diretrizes gerais não podem ser dadas a uma organização do Povo de Deus na sua vida pública”, responde o Papa. Por isso, “a inculturação é um processo que, nós pastores, somos chamados a estimular, encorajando as pessoas a viverem a sua fé onde estão e com quem estão”. Isso sim, é um trabalho de artesãos e a estrada começa. ●



Duas das jovens que participaram da Assembleia Eclesial

“A sinodalidade na América Latina começou em meados do século XX”

RUBÉN CRUZ

Em 18 de fevereiro, o Papa Francisco nomeou Emilce Cuda secretária da Pontifícia Comissão para a América Latina. A primeira leiga argentina a obter um doutorado pontifício em teologia moral compartilha “a dois” a liderança executiva desta plataforma curial com o filósofo mexicano Rodrigo Guerra. Na verdade, esse título está assinado por **Jorge Mario Bergoglio**, então grão-chanceler da UCA. A professora de Teologia da Pontifícia Universidade Católica da Argentina e da Universidade St. Thomas (Estados Unidos) é reconhecida como uma das maiores especialistas em analisar o pensamento do Papa, pois desenvolveu suas pesquisas para aprofundar a teologia do povo em que são lançadas as bases intelectuais do pontificado de Bergoglio, chegando à publicação do livro *Ler Francisco: teologia, ética e política*. No entanto, ela foge de tal reconhecimento. Além disso, a assessora do CELAM é apreciada no continente por atualizar a Doutrina Social da Igreja na área política.

Um dos 12 grandes desafios da Assembleia Eclesial é “promover a participação dos leigos nos espaços de transformação cultural, política, social e eclesial”. Esta promoção já é perceptível no dia-a-dia da Igreja?

Sim, a participação já é perceptível na Igreja latino-americana, porque a sinodalidade na América Latina começou em meados do século XX, e é um continente com muita experiência em caminhar junto, por isso sobrevive.

Como participante da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, o que você acha que o Sínodo da Sinodalidade pode aprender com esse processo?

Na minha opinião, tem a ver com o que acabei de dizer, aproveitando — repito e insisto — a rica experiência que a Igreja latino-americana tem de caminhar junto, algo que já vem acontecendo há décadas.

Desde sua perspectiva agora na Cúria Romana, é uma realidade que os leigos deixaram de ser “católicos de segunda classe” na Igreja?

Os leigos não são “católicos de segunda classe” na Igreja; os leigos sempre estiveram, estão e estarão presentes, porque assim é a Igreja. Agora, certamente, há um discurso que os torna invisíveis, mas isso é outra coisa.

Cada vez mais as mulheres estão inseridas nas estruturas onde as decisões são tomadas. Você se sente ouvida hoje?

Sinto-me ouvida como mulher, e sempre me senti ouvida: pelos meus pares, pelos meus colegas e pelas pessoas. Há um pequeno setor que resiste a ouvir as mulheres, mas também há muitos que estão do nosso lado, especialmente o Papa Francisco. ●



EMILCE CUDA
SECRETÁRIA DA PONTIFÍCIA COMISSÃO
PARA A AMÉRICA LATINA



Assembleia Geral Ordinária realizada em 2019 em Honduras

Um novo horizonte pastoral para a reestruturação e a renovação

UM SEMINÁRIO PERMANENTE PROCURA APROFUNDAR O NOVO CAMINHO DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E CARIBENHO

ÁNGEL ALBERTO MORILLO

Você conhece a fundo como ocorreu a renovação e reestruturação do Conselho Episcopal da América Latina e do Caribe (Celam)? Para responder a esta pergunta, a Presidência e a Secretaria Geral do Celam propuseram o Seminário Permanente de Identidade e Horizonte Pastoral, que busca gerar um processo de conhecimento e apropriação de toda essa mudança dentro do “quadro teológico e magistral”, ao qual o Papa **Francisco** convocou para ser uma Igreja sinodal, extrovertida e “chama-nos a uma conversão pessoal e pastoral”.

Pedro Brassesco, secretário adjunto do Celam, está na frente dessa iniciativa.

A esse respeito, destacou que “a Assembleia realizada em Tegucigalpa (2019) deu à nova diretiva o mandato de realizar uma renovação da instituição para adaptar a estrutura aos desafios pastorais de uma Igreja sinodal emergente”. Por isso, “a partir de uma leitura da realidade e de como ela nos desafia, este processo permitiu-nos refletir e discernir sobre o melhor serviço que o Celam poderia prestar às conferências episcopais como órgão colegiado”.

Nesse sentido, continua o sacerdote, “procuraram traçar um horizonte pastoral com opções, linhas de trabalho e um estilo que assumisse o espírito de Aparecida e o programa do Papa Francisco baseado

na *Evangelii Gaudium* e no seu ensinamento. A isto se juntou, mais tarde, a Assembleia Eclesial que deu as diretrizes para o trabalho pastoral da Igreja em nosso continente”. Foi assim que, com base nestes elementos, foi gerado este espaço de reflexão para que “todos nós que fazemos parte do Celam e do Povo de Deus em geral, possamos nos apresentar melhor à identidade e aos horizontes que temos”.

Nos CAMINHOS DA SINODALIDADE

Em junho deste ano teve início este Seminário, que nas palavras de Brassesco, “não pretende ser um espaço de formação acadêmica, mas sim um momento de crescimento compartilhado em espírito sinodal sobre a nossa identidade e missão”. Será distribuído por três dias que “serão estruturados de acordo com três momentos: ver, julgar e agir”. Assim, o primeiro dia será partir da realidade e “como ela nos interpelou e continua a fazê-lo para acompanhar e dar respostas pastorais”, enquanto que, “no segundo dia, refletiremos sobre as características de uma Igreja que responde a essas desafios”. O terceiro se concentrará mais na nova estrutura que “procura acompanhar melhor as conferências episcopais e o Povo de Deus em peregrinação na América Latina e no Caribe”.

Segundo o padre argentino, “espera-se que se conheça melhor em que consiste essa reestruturação do Celam em resposta a Aparecida e ao ensinamento do Papa Francisco, para que gere um caminho de reflexão que estimule o trabalho conjunto, buscando respostas aos desafios e repensar as próprias estruturas eclesiais”.

Nos meses seguintes, repetirão estes dias “com as suas adaptações para diferentes destinatários”. Eles começarão em casa, com a equipe do Celam e seus colaboradores; em agosto, continuarão com os participantes da Assembleia Eclesial; em setembro, a vez será de bispos e padres; até chegar a outubro com os seminaristas.

É claro que este itinerário chegará também à Vida Religiosa, bem como a todo o laicado. Em suma, os horizontes pastorais dos bispos da América Latina e do Caribe querem estar em sintonia com o espírito sinodal. ●

É possível acabar com a polarização?

Com o estudo *Democracia e Neopopulismos*, o Centro de Gestão do Conhecimento do Conselho Episcopal da América Latina e do Caribe (Celam), em parceria com o Centro de Pesquisas Sociais Avançadas (Cisav), reuniu, entre agosto e dezembro de 2021, especialistas de toda a região para investigar as alternativas para superar a polarização social e política que, por um lado, corrói os sistemas políticos democráticos por dentro e, por outro, possibilita e até incentiva a chegada de neopopulismos.

Jorge Lozano, secretário do Conselho Episcopal Latino-Americano e do Caribe (Celam), explicou que desse exercício foram produzidos três produtos: vídeos de depoimentos, síntese do trabalho e, por fim, um *dossiê*. Nesse sentido, o prelado assegurou que “a novidade de ambos os documentos não é apenas a opinião especializada de nossos convidados, mas também as leituras teológico-pastorais que nos permitiram aproximar a Doutrina Social da Igreja da análise dos fenômenos sociais estudados”.

“Neste ponto, deve-se destacar a encíclica *Fratelli tutti* de **Francisco**, que sempre iluminou a preparação desses documentos. Há uma parte da encíclica em que o Papa destaca a relevância da caridade na arena política. Se uma pessoa ajudar um velho a atravessar uma ponte, fará um ato de caridade. Mas se um político construir uma ponte para que se possa passar, terá feito caridade social”, disse.

À frente deste estudo está o leigo e professor mexicano **Fidencio Aguilar**, diretor acadêmico e coordenador de ciências sociais do Cisav, que acrescenta que um dos objetivos propostos é “gerar material analítico que possa dar pistas aos bispos e à sociedade latino-americana o discernimento e a promoção de uma visão que deixe de lado os extremismos”. Sobretudo quando todo o continente começou a questionar o conceito de democracia; de fato, os dados do Latinobarômetro sobre a confiança em diferentes organizações ou instituições na América Latina revelam que apenas 22% confiam na gestão do governo. “Isso sugere uma grave disfunção nos estados e governos que vem sendo vivida pelos cidadãos latino-americanos”, acrescenta.

O documento pode ser baixado em www.celam.com e, mensalmente, pelas redes sociais, Facebook (@celam.oficial) e YouTube (Celam TV), pode-se acompanhar o programa *Lives Investigaciones Celam*, onde será possível interagir com os coordenadores e protagonistas de cada um dos estudos. ●





Francisco de Aquino Júnior

DOUTOR EM TEOLOGIA PELA WESTFÄLISCHE
WILHELMS-UNIVERSITÄT MÜNSTER - ALEMANHA

Liderança

Liderança é poder de mobilização, congregação e condução de pessoas e grupos. Tem a ver com capacidade, habilidade, função (poder) que se exerce entre e/ou sobre outros (dinamismo social). É tanto um carisma desenvolvido de modo espontâneo, quanto um ofício institucionalmente exercido.

Como toda forma de poder, liderança é algo ambíguo: pode ser exercida na lógica da dominação (mando) ou na lógica do serviço (doação); pode ser exercida em função dos próprios interesses e até mesmo em detrimento dos interesses coletivos (servir-se de) ou em função do bem comum e até em prejuízo dos próprios interesses (servir a); pode ser exercida de modo autoritário (imposição) ou de modo participativo (corresponsabilidade); pode possibilitar um dinamismo comunitário que valoriza, promove e integra os diversos carismas e procura envolver a todos (sujeitos ativos) ou um dinamismo personalista centrado em si mesmo e que produz dependência e submissão (sujeitos passivos); pode favorecer o despertar de novas lideranças (renovação e alternância) ou pode sufocar e impedir seu desenvolvimento (perpetuação no poder); pode distribuir e harmonizar serviços e tarefas (como o maestro da banda) ou pode concentrar todos os serviços e tarefas (tocando todos os instrumentos).

Mas sendo algo ambíguo, é também algo fundamental em qualquer grupo humano. É fator de mobilização, congregação e condução sociais. Não há grupo humana onde não haja liderança. Podemos mesmo afirmar que a liderança é um fator fundamental na constituição de um grupo: É o carisma ou a função da unidade que reúne os muitos indi-

víduos em um corpo social. Daí sua importância fundamental. A discussão acerca do exercício da liderança (modalidade, consequências, resultados), não nega sua importância e necessidade na constituição, conservação ou transformação do tecido social. A própria crítica de uma liderança ou de seu exercício não deixa de ser uma disputa de liderança ou da forma de seu exercício.

Enquanto aspecto fundamental na constituição, conservação ou transformação do tecido social em geral, é também um aspecto fundamental na vida da Igreja como corpo social. Não se pode pensar a Igreja, como corpo, prescindindo do carisma (habilidade) e do ministério (função/serviço) de liderança: Seja ela desenvolvida de uma forma espontânea (aceita e reconhecida) ou oficial (instituída e delegada); seja ela desenvolvida de forma comunitária e participativa (sinodal) ou de forma centralizadora e autoritária (clerical); seja ela tomada em seus níveis mais locais e intermediários (lideranças, coordenação, conselhos) ou em suas

instâncias oficiais de governo (ministros ordenados). De uma forma ou de outra, para o bem ou para o mal, dependendo do modo como é exercida e em função de que é exercida, é fator fundamental de congregação, coesão, unidade. Na perspectiva cristã, segundo o Evangelho de Jesus Cristo, o carisma e o ministério de liderança devem ser exercidos na lógica do serviço (Mc 10, 42-45), assumindo a forma de servo (Fl 2, 1-11; Jo 13, 12-16) e colocando-se a serviço de todos, sobretudo dos caídos à beira do caminho (Lc 10, 25-37), dos pobres e necessidades (Mt 25, 31-46). Só assim serão expressão autêntica do Cristo servo-pastor. ●

**“A IGREJA, COMO CORPO, NÃO
PODE SER PENSADO SEM CARISMA
(HABILIDADE) E O MINISTÉRIO
(PAPEL/SERVIÇO) DE LIDERANÇA”**

As duas faces da selva colombiana

CÁRITAS E REPAM LUTAM PARA FRENAR DESMATAMENTO NO TERRITÓRIO, QUE VEM SENDO DUPLICADO

ÁNGEL ALBERTO MORILLO

“Na Colômbia, dizemos que temos duas Amazonas, uma oriental e outra ocidental, porque a serra central a divide em duas”, diz **Bibiana Rodríguez**, sócia da Cáritas e coordenadora do projeto ‘Agrovida amazônica’, que é articulado com a Repam nacional desde 2019. Assim se distribuem as gêmeas amazônicas: a oriental, Guaviare, Meta, Guainía e Vaupés; e a ocidental, Caquetá, Putumayo e Amazonas; um total de sete departamentos que cobrem 42% do território nacional. Por isso, em tom bem-humorado, afirma que “quase metade do país é Repam”. Sob essa premissa, garante que as ações desenvolvidas nesta região tenham sido centradas em Caquetá e Putumayo, porque “quando você se centra no mapa está o Parque Nacional Chiribiquete, que luta para não ser afetado pelo desmatamento”.

“O desmatamento nesses territórios duplicou, transformando-se em áreas desobstruídas para pecuária extensiva, monoculturas, lavouras para uso ilícito, extrativismo florestal e de mineração. Além disso, matizados pela reconfiguração do conflito armado, revelam não apenas uma crise ambiental, mas também social”, diz Bibiana. Por isso, desde 2019, decidiram capacitar 250 famílias indígenas e camponesas de nível comunitário e organizacional com o apoio solidário da Caritas Alemanha e do BMZ (Ministério Federal de Cooperação e Desenvolvimento Econômico da Alemanha), porque, além dos graves problemas ambientais e sociais, o incumprimento dos acordos de paz criou o terreno fértil perfeito para gru-



A AGROFLORESTA TEM SIDO
A RESPOSTA ‘BALSÂMICA’ A
ESTA VIACRUCIS

pos fora da lei travarem uma batalha pelo controle do território. Para esta leiga colombiana, trata-se de “uma questão muito complexa, pois também têm limitações para chegar ao território devido à onda de inverno”.

SUSTENTABILIDADE

A agrossilvicultura tem sido a resposta ‘balsâmica’ a essa via-sacra, produto do esquecimento dos governos. Portanto, “da Agrovida amazônica surgiram respostas à via-sacra da deterioração dos bens comuns (floresta, água, biodiversidade, práticas e conhecimentos). Por isso, oferecemos às comunidades a oportunidade de vivenciar outras formas de ser, estar e fazer no território”.

Por que um sistema agroflorestal? À pergunta, Bibiana defende a importância da “conservação de sementes nativas, a recuperação de práticas e saberes, a busca de economias alternativas através da produção, transformação e comercialização de produtos, bem como

a promoção de mercados camponeses, que permitem a estas comunidades melhorar a sustentabilidade das condições socioeconômicas e ambientais de suas famílias”.

Além disso, outra das apostas deste projeto é a Escola de Democracia para a incidência de uma ecologia integral na Amazônia, que formou mais de 70 pessoas em participação cidadã, políticas públicas, direitos humanos e ambientais, apropriando-se dos temas para realizar iniciativas de incidência nas cinco comunidades acompanhadas. Da mesma forma, mais de 50 mulheres foram capacitadas nos “Grupos de Autogestão de Poupança e Crédito – GAAC”, com o objetivo de promover a autogestão financeira, por meio de iniciativas de poupança e empreendedorismo. Sem dúvida, são os frutos que se colhem nas encostas de Chiribiquete. Aqui seguimos caminhando, com a vontade de homens e mulheres da Igreja que conhecem as duas faces da Amazônia na mesma Colômbia. ●



PEDRO MANUEL BRASDESCO
SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO DO CELAM

“O Papa desafia nossos esquemas”

RUBÉN CRUZ

O padre argentino **Pedro Manuel Brassesco** faz dupla com seu colega mexicano **David Jasso** na secretaria-geral do CELAM desde novembro do ano passado. O padre se juntou então à equipe para atender à parte organizacional do processo de renovação e reestruturação. A *Missão CELAM* conversa com ele após os seus primeiros seis meses de serviço.

Como está sendo seu pouso?

Sempre se vive como um serviço à Igreja e também nunca se pensa que se é a pessoa mais adequada, mas também sabemos que quando Deus dá uma missão, ele também dá os meios para realizá-la. O CELAM está passando por esse processo de renovação e reestruturação que implica ser paciente e respeitar os tempos das pessoas e instituições, e ao mesmo tempo assumi-lo com esperança e coragem. O CELAM vai abrir caminho como um modelo de organização eclesial que pode inspirar a transformação de outras estruturas da Igreja.

Chegou ao seu serviço em plena Assembleia. Os frutos desse evento estão começando a ser vislumbrados?

O trabalho está em andamento para que isso aconteça. Concebemos a Assembleia não como um evento, mas como um processo que continua. Agora estamos promovendo a sua continuidade através da apropriação dela pelas regiões e pelas Igrejas locais. Um passo importante será a publicação do texto com os desafios e orientações da Assembleia que está sendo elaborado pela Equipe de Reflexão Teológica e que será o instrumento para trabalhar em cada di-

menção da pastoral. A primeira riqueza da Assembleia está no fato da sua realização, abrindo uma instância de reflexão e discernimento para o futuro da Igreja com ampla e aberta participação.

O que a Igreja universal pode aprender com o caminho de comunhão e sinodalidade na América e no Caribe?

Que é possível e que não devemos ter medo de ouvir o que o Espírito Santo inspira em todo o Povo de Deus. Que existe uma Igreja viva com o desejo de participar, de opinar, de estender o Reino a partir das realidades humanas e de forma integral. Que a experiência sinodal nos enriquece a todos e nos faz viver a nossa condição de membros da Igreja. Que sempre será melhor estar acompanhado na estrada do que sozinho, acreditando que somos os iluminados ou os únicos.

Como argentino, qual é o significado do pontificado de Francisco para você?

O pontificado de Francisco é profético em muitos aspectos, e sabemos que os profetas nem sempre foram bem compreendidos ou recebidos em seu tempo. Num mundo onde abundam as palavras, o Papa fala através dos seus gestos, atitudes e processos que está iniciando. O Papa desafia os nossos esquemas mentais ou institucionais e, se alguém aceita o desafio e não se entrincheira em seguranças construídas, encontra novos caminhos luminosos para a pastoral e a evangelização. Na Argentina pude verificar como a sua figura e mensagem atingem esferas muito diversas e especialmente aquelas que nem sempre têm voz. ●



Card. Pedro Barreto Jimeno, S.J.
ARCEBISPO DE HUANCAYO (PERU) E PRESIDENTE DA CEAMA

CEAMA: fruto maduro da sinodalidade

A CEAMA é a Conferência Eclesial da Amazônia, fruto maduro de um processo sinodal que teve o seu momento forte com a experiência do Sínodo na Amazônia. Foi fundada em 29 de junho de 2020 –em plena pandemia– sob três aspectos muito inovadores. Primeiro, é uma conferência estável e permanente, legalmente aprovada pela Igreja. Em segundo lugar, eclesial, isto é, falamos de todos os batizados e batizadas: bispos, sacerdotes, freiras, leigos e, sobretudo, dos povos originários. E, em terceiro lugar, a Amazônia, bioma que engloba nove países: Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana Francesa, Suriname e Guiana. Portanto, estamos falando de uma genuína pastoral encarnada, onde a presença da Igreja é um sinal de esperança para o cuidado com a vida dos habitantes da Amazônia e o seu ambiente natural.

Para compreender todo este processo sinodal, devemos ir à raiz: lembremos que o cardeal **Claudio Hummes**, arcebispo emérito de São Paulo, amigo íntimo do Papa **Francisco**, que estava ao seu lado quando foi eleito o 266.º sucessor do Apóstolo Pedro e, depois de um fraterno abraço de felicitações, disse: “Não se esqueça dos pobres.” Desde então, o Santo Padre tem sido marcado pelo amor aos que são considerados os últimos e descartados. Por isso escolheu o nome Francisco, justamente em referência ao santo de Assis, padroeiro da ecologia, o pobre que amava a natureza. A escolha desse nome já trouxe à tona toda a ideia de cuidar da vida e do meio ambiente, que se cristalizou em sua famosíssima encíclica *Laudato si'*, onde cita a Amazônia no número 38, um dos pulmões do mundo que temos que cuidar. Sem dúvida, essa foi uma das sementes da CEAMA.

Por outro lado, há a relação complementar e essencial entre a CEAMA e a Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), fundada em 13 de setembro de 2014, com a qual tivemos a oportunidade de tornar visível a presença da Igreja, não apenas no território amazônico, mas também em todas as organizações de direitos humanos. A REPAM, desde o seu início, motivou a articulação de esforços: sociais, culturais e evange-

lizadores para ser mais eficaz na “opção pelos pobres, implícita em nossa fé cristológica” (**Bento XVI**).

A CEAMA com a nova presidência eleita, devido à inesperada renúncia por motivos de saúde de seu presidente, o cardeal Hummes, tem dois grandes desafios. Primeiro, a consolidação desta instância, o que significa a pronta aprovação pontifícia dos Estatutos com os quais a CEAMA se torna um órgão estável e permanente da Igreja Católica. Segundo, tornar os indígenas ainda mais visíveis e, principalmente, as mulheres com um papel mais ativo e de liderança. A experiência de preparação para o Sínodo da Amazônia ajudou muito, por meio das assembleias territoriais realizadas em todo o bioma Amazônia, os fóruns temáticos onde participaram mais de 50 mil pessoas.

No Deus da Vida e em nossa Mãe confiamos esses esforços para que CEAMA e REPAM ajudem a Igreja a ter um rosto amazônico. ●





Os ÚLTIMOS, OS PRIMEIROS

São João Paulo II percorre o Panamá

ÁNGEL ALBERTO MORILLO

Para **Ariel López**, o dia começa às 5h da manhã, mas ele não sabe quando termina. Ele é o diretor da rede de centros San Juan Pablo II, que atende moradores de rua na Cidade do Panamá há seis anos. Tudo começou quando o entorno de “uma casa que antes era para renovação carismática e oração da arquidiocese” se tornou um centro de atendimento sociopastoral, dada a grande quantidade de expressões de rua no entorno –viciados em drogas, profissionais do sexo, LGBT, idosos, migrantes– “propus a Monsenhor **José Domingo Ulloa**, arcebispo do Panamá, transformá-lo no que ele sempre sonhou, um centro de atenção com o nome de **São João Paulo II**”.

Ariel, encorajado pelo prelado, colocou-se a

tarefa de cuidar dos descartados de hoje e, até agora, abriu seis casas à razão de uma por ano, e graças a Deus não faltaram corações generosos: “A providência está conosco, não recebemos dinheiro de nenhuma instituição, é o que as pessoas dão.” Como anedota, o leigo conta que uma vez chegou a conta de luz e “não tinha como pagar”. A porta tocou –não estava esperando ninguém– e apareceu o pai de uma menina que havia atendido. “O homem pegou minha mão e colocou um pacote lá.” Quando abriu a mão, “percebi que era a mesma quantia que devia”. Sem dúvida, a vida te dá surpresas, surpresas te dá a vida, parafraseando o som do seu compatriota **Rubén Blades**. ●